RUY COELHO
(1920-1990)

TEÓFILO DE QUEIROZ JÚNIOR
Universidade de São Paulo

A criação da Universidade de São Paulo, em 1934, foi uma das alterações ocorridas em diversos níveis e setores da vida nacional, para superar o descompasso em que nos encontrávamos relativamente ao estágio sócio-político-econômico das sociedades mais avançadas. Era a década de trinta, que se abrira com a crise do café, e o abalo a que o Brasil se submetia tinha a cidade e o estado de São Paulo como epicentro, conforme o comprovam os acontecimentos de 1932.

No caso da USP, como terminou sendo designada a Universidade, a inovação se comprometia com o atendimento a duas ordens de necessidades ressentidas por nosso sistema educacional: uma, na escolarização básica; a outra, na formação de nível superior ou universitário. Para a instrução básica eram inadiáveis inovações que assegurassem melhor preparo dos alunos, trabalho que exigia docentes equipados com sólida formação teórica e familiarizados com concepções e conquistas pedagógicas criativas, como ocorria nos grandes centros científicos e educacionais europeus e americanos, nossos constantes modelos. O papel significativo caberia ao professor que lecionasse nos cursos de nível intermediário: nos ginásios, nos pré-universitários, em escolas normais, como se chamavam aquelas em que se formavam os docentes para o ensino de crianças. Tais professores, dotados de formação universitária específica e operando com eficiência didática, seriam os encarregados da transmissão de conhecimentos mais rigorosos e atualizados dos diferentes campos do saber. E, como a formação desses novos docentes era tarefa da mais nova unidade da recém-criada Universidade, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, esta passou a ser alvo de

Anuário Antropológico/90
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993

grandes expectativas. Seus cursos seriam o cadinho em que se forjariam os didatas inovadores, os pesquisadores criativos, as elites pensantes, agentes com os quais se enriqueceriam também os quadros universitários. Explica-se desse modo porque nos meios sociais e intelectuais mais progressistas de São Paulo e, com o tempo, também de outras partes do Brasil, houve um crescente interesse pelos cursos e conferências promovidos por aquela Faculdade. Esse interesse correspondia ao cuidado com que foram recrutados docentes para aquela Escola. Em seus cursos se deu a reunião de competências nacionais com proeminentes ou, pelo menos, promissores nomes em diferentes áreas do saber nacional de países como França, Itália, Alemanha, Espanha, Portugal.

As instalações, inicialmente precárias e dispersas, da nova e atraente faculdade passaram a ser freqüentadas por jovens ainda em busca de definição para sua formação universitária. Mas aí acorreram também conhecidos intelectuais e profissionais de nomeada; uns e outros contando desfrutar de uma experiência acadêmica estimulante, polarizada por conhecimentos rigorosamente tratados por especialistas respeitáveis. Havia uma forte motivação impulsionando essa clientela heterogênea: conseguir equipamento teórico com que conhecer melhor o homem brasileiro e sua sociedade, requisito para a formulação de diagnóstico objetivo da realidade social que se pretendia aprimorar, modernizando-a. Em conseqüência, o curso de ciências sociais revestiu-se de compreensível prestígio. Ele foi seguido, por vezes, simultaneamente e, em alguns casos, como complementar àqueles currículos cursados em escolas mais tradicionais, em que se formavam nossos médicos, advogados e engenheiros. Mas houve casos em que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desviou para exclusividade sua estudantes destinados a alguma outra escola das mais tradicionais. Foi o que se deu com o jovem Ruy Galvão de Andrada Coelho.

Nascido em São Paulo, dia 21 de dezembro de 1920, ele completou seus estudos secundários no Liceu Rio Branco, em 1936. Seguiu o pré-jurídico no Colégio Universitário até 1938, mas matriculou-se no curso de filosofia, que concluiu em 1942, juntamente com o de ciências sociais; este último iniciado em 1941. No ano seguinte já passou a lecionar no Colégio Universitário da Faculdade cursada, exercendo essa função até 1944.

O jovem promissor beneficiou-se de duas bolsas de estudos: a do Institute of International Education levou-o aos Estados Unidos, assegurando-lhe especialização em Antropologia na Northewestern University, de

1945 a 1948. Com bolsa da Carnegie Corporation realizou pesquisa de campo, em Honduras, sobre os caraíbas negros, durante os anos de 1948 e 1949. Em 1955 tornou-se Doutor em antropologia. Antes, porém, em 1949 e 1950, esteve lecionando na Universidade de Porto Rico, na condição de Professor "Catedrático Auxiliar". De 1950 a 1953, já nomeado Professor Assistente no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, permaneceu na Unesco, como Assistente de Programa. De volta ao Brasil, lecionou como Professor Assistente, de 1953 a 1961. Ao final desse período, passou a Professor Livre Docente e chegou a Catedrático em 1964.

Há peculiaridades que requerem a atenção de quem se disponha a compreender Ruy Coelho, nome menos extenso com o qual ele se tornou mais conhecido. Apresentadas sem hierarquia, pois têm todas equivalente relevância, elas podem ser enunciadas como sendo: a harmoniosa combinação de sua personalidade com os conhecimentos que cultivou e com o exercício das atividades que lhe couberam; sua expressiva experiência de se projetar no exterior, ainda no início de sua carreira, repetindo o feito ao tempo em que a encerrava; e sua instigante recusa a escrever e publicar.

Tinha vinte e cinco anos o bolsista que deixava São Paulo, em 1945, em busca de especialização em ciências sociais nos Estados Unidos. Com a Europa então saindo dos escombros da Segunda Grande Guerra, os Estados Unidos assumiam a posição de centro do saber, como país detentor da hegemonia internacional. cientistas dos mais destacados, e procedentes de vários países, encontravam-se reunidos lá. Os que, dentre eles, se dedicavam ao estudo da sociedade defrontavam-se com os desafios formulados pelos resultados do recém-encerrado conflito internacional. Acatadas teorias, formuladas durante os cem anos compreendidos pela segunda metade do século XIX e os cinqüenta anos iniciais deste século, passavam pelos rigores da revisão crítica, à luz dos fatos. Elas eram avaliadas em seu alcance analítico e ponderadas quanto à sua adequação interpretativa, dadas as condições que haviam levado povos auto-proclamados civilizados a uma guerra de extermínio, executada com frieza de cálculo científico e aterrorizante eficiência tecnológica. Impunha-se um balanço que permitisse selecionar, no quadro geral de quanto se sabia a respeito do homem em sociedade e das manifestações históricas desta última, aquilo com que fazer frente ao momento de reconstrução e a seus antecipáveis desdobramentos. Nesse quadro a sociologia e a antropologia ganhavam importância como sistemas de saber objetivo

capazes de produzir conhecimentos adequados à reconsrução da sociedade ocidental, porventura a mais seriamente desafiada. Esta, que se considerava a expressão principal das conquistas da inteligência, não conseguira evitar uma guerra que pusera em xeque tradições, modelos de organização social, sistemas econômicos, regimes políticos, negando pretendidas purezas tanto de raça quanto de cultura.

Faziam-se necessários critérios científicos mais edificantes com que equipar povos que saiam de uma acesa guerra de combates armados para o mergulho no pastoso de uma "guerra fria", alimentada por suspeitas e ameaças. O homem a quem estava entregue a reconstrução social tornara-se potencialmente capaz, não só de dominar como até de arruinar de maneira irrecuperável sua própria espécie, a sociedade e mesmo a natureza, em razão dos conhecimentos e dos recursos instrumentais, quase inimagináveis, agora ao seu dispor.

O jovem Ruy Coelho, que foi aos Estados Unidos em busca de respostas a suas indagações, aproveitava agora a feliz oportunidade de conviver com estudantes procedentes de várias sociedades e de continentes diversos. Sua orientação ficou ao encargo de Melville J. Herskovits, então catedrático na Northwestern University. O respeitável cientista americano era especialista em antropologia física e cultural, campos em que desenvolve notáveis conhecimentos. Ele ressaltava noção que lhe era cara, a do "two ways process", a reciprocidade de influências que se estabelece entre culturas postas em relação. Levado por suas investigações sobre relações raciais nos Estados Unidos, Herskovits pesquisou também o negro africano no Dahomey, esteve na Guiana Holandesa, no Haiti, em Trinidad e passou quase iinteiro no Brasil o ano de 1942, reservando a mais longa permanência para a Bahia. Influenciado por ele o jovem bolsista brasileiro complementou sua pós-graduação com uma pesquisa de campo em Honduras, também estudando negros, caraíbas, como ficou mencionado.

A estada de Ruy Coelho em Nortwestern University proporcionou-lhe outra oportunidade e estimulantes influências, as recebidas de A. Erving Halowell, que operava com as relações entre antropologia e psicologia. Essa disposição combinatória terá fecundado no doutorando brasileiro a superação de possíveis ranços do positivismo comteano, que Ruy Coelho estudara durante sua graduação na Faculdade de Filosofia. Como se sabe, dessa vertente teórica havia ficado em nosso pensamento sociológico um certo resquício da declarada reserva de Comte à psicologia.

Sempre aberto a combinações teóricas e metodológicas requeridas pela busca de respostas a suas indagações, Ruy Coelho dedicou-se às contribuições de Hermann Rorschach, tendo se ligado à sociedade que, entre nós, leva o nome desse cientista e segue seus passos. Essa disposição de Ruy Coelho à interdisciplinaridade terá sido uma possível conseqüência de seu convívio, na fase da graduação, com Roger Bastide, influente cientista social que lecionou na Faculdade de Filosofia, estimulando vocações científicas e orientando potencialidades intelectuais. O brasileiro e aquele seu mestre francês praticaram a interdisciplinaridade sem proclamações doutrinárias ou empenho proselistista, mas por convicção em sua eficácia heurística, como fica indicado pelo percurso de cada um deles e o sentido penetrante da produção de ambos.

Ruy Coelho aguçou sua sensibilidade e apurou seu senso estético no cultivo da literatura, sem desprezar outras formas de expressão artística, como o cinema, o teatro e a música. Com isso, conquistou a simplicidade elegante com que se expressava e a habilidade com que utilizou as contribuições literárias, às quais nem sempre estão atentos os cientistas sociais. Homem de seu tempo, foi receptivo às fermentações nacionais que ocorriam na vida artístico-cultural e envolveu-se na criação da revista *Clima* e no movimento teatral *Os Comediantes*. Foram contribuições suas as iniciativas que, por motivos diversos, tiveram curta duração. No entanto, pelo entusiasmo de que se revestiram, em razão da qualidade dos jovens que nelas se envolveram — como Antonio Candido, na revista; e Décio de Almeida Prado, nesta e no movimento teatral, entre outros —, essas realizações de vida breve somam no conjunto das várias outras que contribuiram para modernizar a vida cultural paulista, na década de quarenta.

O inquieto Ruy Coelho fez crítica cinematográfica e literária com vigorosa originalidade. A crítica literária ensejou-lhe uma contribuição relevante. Em julho de 1944 a Editora Flama publicou um volume de menos de cem páginas, reunindo dois ensaios seus, dispostos na obra em ordem inversa à do título, que é: *Proust e Introdução ao Método Crítico*. O livro, hoje esgotado, é bastante revelador das preocupações de Ruy Coelho com a importância e as possibilidades do indivíduo na e para a vida social, testemunha a fé do autor na racionalidade científica, além de dar conta da criatividade que lhe era própria, ao buscar o melhor entendimento possível daquilo que estivesse sendo investigado. O jovem autor propõe seu método crítico, sem pretensão à originalidade, conforme esclarece. Essa elaboração

metodológica inspira-se em Hegel, bafejada por sugestão sartreana e lança mão do reaproveitamento da importância conferida por Sainte-Beuve "à trama dos acontecimentos e reações", que formam uma vida individual e "repercutem na obra" literária. Identificado com as cogitações predominantes naquele momento, o autor recorre à combinação de contribuições científicas colhidas na sociologia, na história, psicanálise e na dialética econômica. Seu ponto de partida é o acolhimento da analogia "entre o espírito do crítico literário e o do filósofo". Dados seus fundamentos, tal método merece credibilidade para o exercício de uma crítica literária que aspira a ser científica, pois permite que aquela seja "ao mesmo tempo externa e interna". Externa, quando trata do autor em si e do meio social em que ele surge, em que se faz escritor e sobre o qual exerce influência. E interna, quando penetra o texto e nele apreende criações e revelações.

Na segunda parte desse livro os recursos de seu método crítico são aplicados à desafiadora figura de Marcel Proust, estudando-lhe a obra em profundidade.

Vinte anos mais tarde, Ruy Coelho concorre à cátedra de sociologia, vaga com a aposentadoria do seu ex-professor, o Dr. Fernando de Azevedo. A tese que defende — *Estrutura Social e Dinâmica Psicológica* — assegura-lhe o cargo disputado e foi publicada com o mesmo título e alguns pequenos ajustes. Tratada com modelar rigor científico, ela dava conta da sólida formação do autor e de sua marcante acuidade nas reflexões desenvolvidas. Ruy Coelho reiterava com esse texto sua fidelidade à questão dos recursos e das limitações das teorias formuladas pelas ciências antropológica e sociológica na análise e explicação das relações entre a personalidade e a cultura, em diferentes realidades coletivas. A estrutura social foi aí focalizada por sua relevância, enquanto elaboração teórica, por seu alcance e pelos desdobramentos provocados por esse conceito na antropologia e na ciência sociológica. O autor submeteu essas formulações, desde seu ponto de partida em Comte e Durkheim, acompanhando seu percurso por correntes e tendências, até a produção de cientistas contemporâneos, como Talcott Parsons, Robert Merton e Marion Levy. Nessa incursão crítica Ruy Coelho passou por Marcel Mauss, Radcliffe-Brown, Firth e Nadel. Com criteriosa serenidade teceu suas críticas a Lévi-Strauss, cujo pensamento era ainda um tanto preservado, senão mesmo intocável entre nós. A acuidade peculiar com que Ruy Coelho apreciava o que analisava e lhe penetrava o âmago assegurou-lhe destacar, ali onde ela porventura se encontrasse, a porção psicológica

dos autores estudados; quer ela permanecesse implícita, a requerer revelação, quer se apresentasse claramente manifesta. Ele registra sua corajosa intenção de desfazer arraigados "preconceitos de escola e contornar obstáculos de disciplina" na conquista de perspectivas amplas em favor do maior alcance científico.

A dedicação de Ruy Coelho ao estudo das relações entre personalidade e cultura requereu incessantes leituras, pontuou seus textos e norteou os cursos por ele ministrados a graduandos e àqueles que orientou, nos programas de pós-graduação. Essa problemática foi o fulcro continuadamente enriquecido em amplitude e profundidade por ele, em seus cursos e palestras. A cada situação de sala de aula, nas entrevistas com orientandos, em concisas mas esclarecedoras introduções que redigiu para textos alheios, em palestras e conferências proferidas, Ruy Coelho primou sempre em apresentar mais reflexões, renovadas críticas e multiplicadas dúvidas — seus desafios constantes. Era muito mais isso que ele tinha a oferecer em vez de qualquer proposta enfática com pretensão a certeza apaziguadora e conclusiva. Mas esse procedimento, longe de constituir pose intelectual, revelava insaciável busca de conhecimento mais sólido, de mais confiável interpretação para o que estudava: era sua maneira de cultivar a ciência e respeitar o interlocutor. E o resultado mais evidente desse desempenho na docência foi a variedade de dissertações e de teses por ele orientadas. Muitas delas trataram de questões pouco freqüentes na produção de nossos pós-graduandos em ciências sociais. E houve casos em que ele era quem mais se credenciava a orientador (seguro) para inevitáveis incursões por problemas que não se continham rigorosamente em espaço científico único, exigindo cabedal pluridisciplinar para ousadias acadêmicas que enfrentava com firmeza e serenidade.

Ruy Coelho professor estimulava os alunos com suas reflexões instigantes, embora formuladas discretamente, e lhes alimentava a busca de conhecimentos, indicando muitas fontes para cada questão. Já enquanto membro do corpo docente, ele era o interlocutor sensato e requisitado para diversificados assuntos aos quais se abriam seus interesses e seus conhecimentos conferiam respaldo. Sua estável serenidade, seu espírito democrático e o irrestrito respeito com que tratava colegas, subalternos e superiores tornaram-no uma voz acatada no Departamento de Ciências Sociais de que foi Chefe, no âmbito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da qual foi Diretor e de cuja Congregação foi integrante.

Pode-se dizer que Ruy Coelho não se preocupou em granjear renome, nem se dispôs a marcar seu percurso destacando-se pela produção publicada. Fica difícil admitir preocupação com renome por parte de quem tenha passado a vida sem se articular com grupos prestigiosos, sem disputar postos influentes, ressalvadas suas passagens pela Chefia do Departamento de Ciências Sociais e pela Diretoria da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, cargos que ele ocupou por injunções acadêmicas, mas não por qualquer tipo de aspiração. Por terem consciência disso, alguns colegas seus, professores de sociologia que ele orientara na elaboração de tese para obtenção do título de mestre ou de doutor em sociologia, decidiram fundar o CESA, Centro de Estudo de Sociologia da Arte, sob sua presidência e que agora se transformou em Sociedade Científica de Estudos da Arte. Esse núcleo constitui o único espaço criado por inspiração sua e para servir de âmbito de estudo e pesquisa dessa disciplina sociológica, a sociologia da arte, que ele cultivava um tanto isoladamente. Quanto às suas contribuições, elas ecoaram entre os que seguiram seus cursos ou foram por ele orientados como pós-graduandos: mestrandos e doutorandos.

O que ele deixou publicado, repita-se, foi muito pouco. É uma lacuna que, além de lastimável, representa um desafio a ser enfrentado por quem se disponha a analisar sua carreira. E, no entanto, a explicação se torna fácil, se se atentar para seu desempenho como professor. Ele nunca se dava por satisfeito com aquilo que ia atingindo através de leituras e reflexões. Daí constituir-lhe um grande atrativo o exercício da docência, ensejo de renovadas oportunidades para expor suas cogitações, ao mesmo tempo que ocasião para os questionamentos suscitados pela aula ou palestra. Era comum acontecer que ele fizesse ressalva à formulação que acabava de apresentar. Podia ocorrer-lhe também algum reparo, ou a necessidade de fazer acréscimo ou apontar desdobramento que ampliasse e/ou aprofundasse o que vinha sendo exposto. Resultava indiscutível que essas reações se davam porque seu pensamento estava em contínua reelaboração e sempre insatisfeito. Com isso, ele terminou deixando escoar prazos para corrigir transcrições de aula, de palestra ou de comunicação sua, que os interessados por vezes gravavam e se encarregavam de transcrever. No entanto, foi sempre de muito boa qualidade o que escreveu, sendo de lastimar que não tivessem sido mais numerosos prefácios e apresentações que redigia para textos de outros.

Ruy Coelho talvez tenha sido mais conhecido e prestigiado no exterior do que em seu próprio país, embora aqui ele fosse alvo de respeito e admiração por parte de quantos dele se acercaram.

Suas etapas inicial e final de carreira deram-se no exterior. Nos Estados Unidos, fez a pós-graduação e levou a cabo a pesquisa de campo em Honduras. A Universidade de Porto Rico acolheu-o como Professor "Catedrático Auxiliar", logo que ele terminara a pós-graduação. O momento seguinte foi de prestação de serviço à Unesco, em Paris. Só depois de conhecido e aproveitado lá fora é que ocorreu sua plena contribuição à Universidade de São Paulo.

Já era Professor Titular (cargo que sucedera ao de Professor Catedrático), quando foi atingido pela intolerância repressora do governo dos militares. Feito prisioneiro político, preservou-se difundindo Proust, o escritor de sua eleição, àqueles que recorriam ao cultivo do pensamento para resistir à injustiça por que passavam. Uma vez libertado, seguiu para a França, onde passou alguns anos em Aix-en-Provence, em cujo meio acadêmico foi acolhido, tendo lecionado em sua Universidade, como Professor Visitante.

Vencido esse período, Ruy Coelho voltou à Universidade de São Paulo e foi escolhido Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Findo o mandato e tendo cumprido o tempo exigido por lei, aposentou-se e foi para Portugal. Lá ficou na Universidade de Coimbra, em cujo Instituto de Antropologia lecionou como Professor Visitante, a partir de 1985.

Ao final dos anos oitenta voltou ao Brasil, já combalido. Não obstante, atuou junto ao Instituto de Estudos Avançados da USP e deu conta dos seminários que havia programado junto ao Departamento de Antropologia.

Ruy Coelho manteve sua busca incessante de mais conhecimentos. Em artigo que publicou no volume 7, número especial da revista *Antropologia Portuguesa*, sob o título "Da Antropologia Simbólica à Antropologia Cognitiva", fica patente sua dedicação a essa disciplina antropológica ainda um tanto recente em seus contornos. Nesse balanço por ele procedido transparece sua disposição a prosseguir, superando etapas, iniciando novos estágios.

Da permanência na Europa resultou um avolumado conjunto de fichas de leituras meticulosas. Infelizmente, faltou compreensão do âmbito de financiamento a empreendimentos científicos para que esse precioso acervo fosse publicado. Mas como ele foi levado de novo para a Europa, fica a

esperança de que lá fora, se dê, ainda uma vez, o acolhimento devido a Ruy Coelho.

Imperturbável em sua invejável serenidade, mantida até o final, Ruy Coelho enfrentou a moléstia que o vitimou entregando-se à leitura de Proust.